

Uma dose generosa de prazer

Histórias de pessoas que enfrentam preconceitos e obstáculos para acrescentar à vida dos outros

ISABELLA MEDEIROS, RAFAELA LUA, ISABELA VALE E LUIZA MARGEM

Há três anos, a professora aposentada Norma Valle, de 72 anos, passa as tardes no Espaço Criança Esperança, no morro do Cantagalo, organizando livros nas prateleiras e incentivando jovens de comunidades carentes a adquirir o hábito da leitura. Um pouco mais longe, em uma escola municipal na Tijuca, Luciano Rodrigo de Oliveira, 31 anos, estudante de história e morador da Rocinha, dá aulas para 46 alunos de um pré-vestibular comunitário. Mas o que têm em comum essas e muitas outras pessoas, tão diferentes, separadas pela distância e por trabalhos distintos? Não pense que é o ofício ou o trabalho comunitário que desenvolvem. Na verdade, o que aproxima Norma de Luciano, e de outras pessoas, é o simples prazer em ajudar o próximo, sem a expectativa de um retorno financeiro.

Para enfrentar a rotina, que começa às 9h da manhã, a aposentada, que mora no Ma-



Norma diante das prateleiras organizadas por ela

racanã, pega dois ônibus até chegar ao local de trabalho, no alto do morro, onde permanece até às 16h. Além de cuidar da biblioteca, Norma ajuda as crianças com deveres de casa e pesquisas. “Ainda dou aula particular para um menino que não sabe ler e escrever”, acrescenta. A idade parece não atrapalhar seu desempenho e vontade de trabalhar. “Só desisto desse trabalho quando eu estiver cansada, mas essa hora ainda não chegou”,

conta. O prazer em ajudar traz para a aposentada um resultado que não tem preço. “As crianças gostam de mim, me chamam de tia e avó. Melhor isso do que ficar em casa à toa, né?”, questiona.

Luciano Rodrigo também parece estar contente com seu trabalho voluntário. O prazer em ajudar é tão grande, que ele faz questão de encontrar um espaço na sua movimentada rotina para se dedicar a essa tarefa. “Eu faço faculdade de História, desenvolvo

pesquisas com meu professor, trabalho de madrugada em um sebo e ainda tenho que dar atenção aos meus filhos”, conta entusiasmado. As aulas que o estudante ministra na Escola Municipal Orsina da Fonseca são aos sábados e fazem parte de um movimento conhecido como Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que capacita pessoas economicamente desfavorecidas, principalmente negros, a prestarem o vestibular.

Além das aulas teóricas, o professor voluntário oferece aos seus alunos aulas práticas no Centro da Cidade para que conheçam a arquitetura do Rio de Janeiro. “Meu objetivo é fazer com que essas pessoas se movam socialmente e contribuam para um país melhor. Infelizmente são poucos os que se comprometem com essas causas”, lamenta Luciano. Olavo Alves Lima, 44 anos, frequentador do curso desde o ano passado, mostra-se satisfeito com a iniciativa. “Profissionais como Luciano transmitem um conteúdo que me dá possibilidades reais de ingressar na universidade”, diz otimista.

Seguindo caminho semelhante à Norma e Luciano, o Frei José Pereira acreditou que um terreno que recebeu como doação, há 20 anos, mudaria a sua vida e a dos moradores de São João de Meriti. No coração da comunidade, o espaço virou sede de um projeto batizado como “Ação Comunitária de São João de Meriti”. A idéia do Frei Zé, como é conhecido na região, era abrigar as crianças do bairro durante o dia, enquanto suas famílias traba-



Luciano Rodrigo em ação no pré-vestibular

lham, tirando-as das ruas e dando educação, carinho e amparo.

Assim foi feito. O projeto recebe hoje 110 crianças de três a 12 anos e funciona de segunda a sexta, das 8h às 17h. Os meninos e meninas recebem três refeições por dia e são acompanhados por cinco professoras e três recreadoras. Os mais velhos, de seis a 12 anos, são levados para a escola e, quando voltam, recebem suporte nos deveres de casa.

Sérgio Cardoso de Lemos, 61 anos, e sua esposa Ana Nery, 56, trabalham como voluntários no projeto há 16 anos. Eles contam que a instituição vive inteiramente de doações e que o sonho de todos que lá trabalham é poder receber um número maior de crianças. “Infelizmente temos que nos limitar a 110 beneficiados, já que as dificuldades para arrecadar as doações necessárias ainda são grandes. Todo mês temos o desafio de conseguir mais apoiadores e pessoas dispostas a ajudar nossa entidade.

O esforço é válido e nada nos desanima”, diz Sérgio esperançoso.

Também determinada a fazer a sua parte, Jane Cotts não vê nenhum problema em acordar um pouco mais cedo para dedicar algumas horas do seu dia a ajudar aqueles que precisam. Há quatro anos ela faz parte do “Pequeninos de Jesus”, um projeto ligado à paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, que oferece, nas manhãs de segunda à sexta-feira, café da manhã e evangelização para os que vivem nas ruas do Rio. O projeto sobrevive das doações feitas nas missas de domingo na paróquia e conta também com o apoio de comerciantes, lojistas e moradores dos bairros de Copacabana e Botafogo. C e rca de 40 voluntários se revezam para atender os desabrigados. Cada equipe, composta por sete membros e um coordenador, escolhe um dia da semana para se dedicar ao projeto.

“São em média 200 pessoas de



A fisioterapeuta Anna e sua paciente Maria da Paz

todas as idades e das mais variadas procedências que vêm até aqui não só em busca de comida, mas também de uma chance de reintegração social”, conta Jane. Desempregados, jovens drogados, mães solteiras que foram expulsas de casa pelos pais, famílias inteiras que moram nas ruas e mendigos estão entre os que recebem auxílio. Através do convívio diário com essas pessoas, os voluntários do projeto procuraram observar seus problemas e tentar ajudar. “Nós tiramos documentos para eles, damos orientação pessoal e psicológica, encaminhamos para médicos, dentistas e oportunidades de emprego”.

Outro exemplo de quem se solidariza com o próximo é o da fisioterapeuta Anna Lilian Gonçalves, que mesmo com uma rotina estafante, sempre tenta achar um tempo para ajudar as pessoas. Anna tem quatro filhos e trabalha em seu consultório de fisioterapia, mas também atende pessoas em suas próprias casas sem cobrar pelo

tratamento. “Desde que me formei sempre procurei atender pessoas que não podem pagar o tratamento. Normalmente, uma indica a outra. Vou tentando encaixar o maior número possível de pessoas no meu dia. Atualmente, estou com cinco pacientes fixas que não cobro pelo atendimento”, conta a fisioterapeuta.

Anna já pensou em realizar outro tipo de trabalho voluntário, mas depois percebeu que como fisioterapeuta, poderia auxiliar muito melhor as pessoas que não podem arcar com os custos de um tratamento. Então, resolveu fazer do seu próprio trabalho uma maneira de ajudar, geralmente atendendo pessoas idosas.

“O que é interessante em trabalhar com a fisioterapia é que você pode perceber de imediato a melhora, e os idosos vibram com cada conquista. Uma coisa que para qualquer um é simples, como conseguir respirar, para um idoso que está com problemas respiratórios é uma alegria conseguir fazer direito”, comenta Anna.

A fisioterapeuta acredita que hoje não conseguiria viver sem ajudar, pois realizar esse tipo de trabalho voluntário modificou sua vida. “Saber que eu ajudei uma pessoa idosa a ter qualidade de vida, ver a satisfação no seu rosto, saber que eu consegui diminuir ou até abolir a dor de alguém, ver cada conquista da pessoa devido ao meu trabalho é muito gratificante, não há dinheiro no mundo que pague”, diz Anna emocionada.

Já no caso de Nilce Silva dos Santos, a vontade de ajudar as pessoas surgiu a partir de um acontecimento em sua vida que a fez mudar. “Era casada e sofri agressão física do meu marido. A partir desse momento, resolvi que isso nunca mais aconteceria. Foi quando conheci o Centro de Defesa da Vida e resolvi trabalhar como voluntária para ajudar mulheres que passaram pelo que eu passei”, revela Nilce, que é agente comunitária de cidadania na instituição.

O Centro tem o objetivo de oferecer orientação sobre os direitos das mulheres de viverem sem violência nem discriminação e de exercer plenamente sua cidadania. Ele orienta e encaminha mulheres vítimas de violência doméstica e sexual para serviços de atendimento especializado. As mulheres, através do Centro, obtêm ajuda de psicólogos, advogados, assistentes sociais, dentre outros.

Além disso, o Centro de Defesa da Vida realiza oficinas, em que as mulheres aprendem alguns trabalhos manuais como costura, pintura, culinária e artesanato. Os

produtos que elas fazem são comercializados e a renda fica com elas. No Centro, há também a apresentação de seminários com exibição de vídeos, discussões, palestras e dinâmicas de grupo.

“As reuniões que o centro promove são essenciais para trabalharmos a auto-estima das mulheres e fazer com que elas progridam. Essa possibilidade delas aprenderem um trabalho manual é importante para que algumas mulheres consigam se livrar da dependência financeira dos seus maridos, pois muitas sofrem violência doméstica por dependerem economicamente deles”, explica Nilce.

Nilce acredita que o trabalho voluntário não só ajuda a quem é beneficiado por ele, mas também a quem o pratica. “É tão bom perceber as mudanças na vida de cada uma das mulheres

que a gente ajuda. Vê-las se reerguerem, recuperarem a auto-estima. Isso me faz um bem enorme também, notar que eu sou capaz de ajudar alguém a progredir, a ficar mais feliz. É um sentimento inexplicável”, constata Nilce numa alegria esfuziante.

Criado para diminuir um pouco o sofrimento de alguns, o Projeto S.O.S Vida, sediado em uma sala nos fundos da igreja Santuário das Almas, no bairro de Icaraí, Niterói, funciona há quatro anos como sustentação para os que procuram sua ajuda. Os 25 voluntários, que atualmente se revezam em turnos de duas horas, atendem telefonemas com o intuito de ouvir o desabafo de quem quer falar, normalmente pessoas depressivas ou solitárias. Eles não se identificam para evitar que isso interfira no serviço.

“Trabalhamos com todos os

tipos de problemas. Nosso objetivo é ouvir a pessoa. Não fazemos aconselhamento, de forma que ela possa ter tempo para fazer uma auto-reflexão, para achar dentro dela própria a solução de seu problema”, explica a coordenadora do projeto, Luiza Mendes.

Ela ainda ressalta que por mais que o S.O.S Vida funcione em uma sala de uma igreja católica, a religião não é fator determinante no recrutamento dos voluntários. “Temos ajudantes que nem são católicos praticantes, pessoas de outras paróquias, mas que estão envolvidas com a iniciativa. Pessoas que querem doar um tempo seu para aliviar a dor do outro”, declara Luiza.

O projeto, que possui apenas uma linha telefônica para contato, é mantido por doações dos próprios voluntários e de pessoas que fazem parte da paróquia,

Veja aqui como doar um pouco de seu tempo por um prazer insubstituível

PVNC

Os interessados em participar do movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes devem ligar para o disk PVNC: (21) 2243-1168 ou enviar um e-mail para pvnc@bol.com.br.

Pequeninos de Jesus

O projeto fica na Rua Real Grandeza e o telefone é 2527-4426.

Centro de Defesa da Vida

Para quem quiser mais informações sobre como ajudar, o telefone é 3774-3993.

S.O.S Vida

Mais informações sobre como ser voluntário no projeto ou como fazer doações: 2704-3291.

Pastoral da Criança

Através do site www.pastoraldacrianca.org.br é possível fazer inscrição para trabalhar como vo-

luntário. Mas antes, não deixe de apurar, no próprio site, em quais municípios a organização precisa de voluntários.

Cruz Vermelha

O site www.cvb.org.br traz mais informações sobre a instituição e como ajudar. O telefone de contato com a central de voluntariado é 2667-8026.

RITS

A Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits) mantém um banco de dados com informações sobre voluntariado. Os interessados devem acessar o site www.rits.org.br.

RioVoluntário

O RioVoluntário cadastra pessoas para atuar em diferentes entidades. A instituição lista os profissionais de que mais precisa. Outras informações pelo telefone 2262-1110 ou no site www.rivoluntario.org.br.

mas os integrantes esperam que, com o tempo, a estrutura seja ampliada e o serviço passe a funcionar 24h por dia.

Instituições são reconhecidas mundialmente por seus trabalhos voluntários

A solidariedade, tão presente nos dias de hoje e que move cidadãos a ajudarem o próximo, também se estende a diferentes organizações, que atuam socialmente através de projetos comunitários. A Pastoral da Criança e a Cruz Vermelha são dois exemplos disso.

A Pastoral da Criança é uma organização que luta contra a mortalidade, a desnutrição e a violência na família. Para isso, capacita líderes comunitários em todo o país, que atuam como voluntários nas comunidades a que pertencem, mobilizando famílias



Notar que eu sou capaz de ajudar alguém a progredir, a ficar mais feliz, é um sentimento inexplicável"

Nilce Silva Santos

para o cuidado com os filhos. Hoje, mais de 36 mil comunidades são beneficiadas e cerca de 242 mil voluntários já foram treinados. Segundo a fundadora e coordenadora da Pastoral, Zilda Arns Neumann, o sucesso do programa deve-se à sua valorização. Cerca de 90% dos recursos recebidos pela organização são aplicados na educação, na capacitação, no

acompanhamento do voluntariado e de suas ações. "O voluntariado talvez seja o setor que mais pode ajudar o país e o mundo a enfrentar os problemas e, assim, participar no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e fraterna, a serviço da vida e da esperança", destaca a coordenadora.

A Cruz Vermelha, fundada em 1908, é desde então uma instituição modelo no socorro de vítimas de catástrofes naturais ou de guerra, negociando até a libertação de prisioneiros, de acordo com o previsto na Convenção de Genebra. O voluntariado sempre esteve enraizado nos princípios da organização, que tem mais de 100 milhões de membros não-remunerados, espalhados por 176 países. No Brasil, está presente em 18 estados, além do órgão central, com sede no Rio de Janeiro. **E**

Pessoas que deram a vida pelo prazer de ajudar

Madre Teresa de Calcutá, um dos maiores exemplos de generosidade e amor ao próximo, se dedicou aos pobres do mundo inteiro. Lutou durante toda a vida para conseguir concretizar o sonho de fazer o bem. Fundou a Congregação Missionárias da Caridade que, a partir de 1952, começou a se expandir pela Índia e por todo o mundo. A Ordem das Missionárias da Caridade possui hoje mais de 4.500 freiras e está presente em 133 países.

Em 1972, Madre Teresa recebeu o prêmio da Fundação Kennedy e em 1978, o então presidente da República da Itália, Sandro Pertini, entregou-lhe o prêmio Baszan. Em 1979 ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz por seus admiráveis trabalhos. Em 5 de setembro de 1997, a mulher que tinha como lema "um coração feliz é o resultado inevitável de um coração ardente de amor", faleceu depois de sofrer uma parada cardíaca. Em 19 de outubro de 2003, Madre Teresa foi beatificada pelo Papa João Paulo II.

Herbert de Souza, o Betinho, também é símbolo da determinação e do trabalho incansável pela cidadania, pela valorização da solidariedade e dos direitos humanos. Hemofílico, contraiu o vírus da AIDS em uma das inúmeras transfusões de sangue a que era obrigado a se submeter. Em 1986, Betinho fundou a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, a ABIA, uma das primeiras e mais influentes instituições do país na luta pela organização da defesa dos direitos dos portadores do HIV. Em 1992, criou a "Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida". A "Campanha contra a fome" ou "Campanha do Betinho", como ficou conhecida, contou com o apoio de grande parte da população brasileira. Em 1994, lançou a campanha "Natal sem fome", que arrecadou em sua primeira edição 600 toneladas de alimentos. Em 9 de agosto de 1997, Betinho morreu deixando o exemplo de quem, indignado frente às injustiças e exclusões sociais, soube reagir.